

Imagem no exterior

*Terezinha Maria Schuchter
Patrick Stefenoni Kuster*

Brindar com signos... subir nas carteiras... insurgir.... Produções internacionais: o que pode a educação em tempos de autoritarismo e desesperança?

A toxicidade que a atual conjuntura social, política, econômica e cultural tem gerado é tratada por diferentes autores (ROLNIK, 2018; PELBART, 2019; MBEMBE, 2018; LAZZARATO, 2019) que dizem que o neoliberalismo atingiu seu mais alto poder destrutivo, atingindo as raízes de nossa existência, produzindo a separação da subjetividade de sua força, de sua potência de criação (ROLNIK, 2018).

O governo atual no Brasil é a corporificação dessa política em curso no mundo. O conservadorismo extremo que o caracteriza deu vazão à outra face neoliberal – o fascismo (LAZZARATO, 2019). Forças rudes e abrutalhadas vêm destruindo as parcas conquistas democráticas, a ideia de direito, de comum e de diferença.

E a escola nesse contexto? Em nome de um discurso que se diz não ideológico, vemos uma política de governo autoritária – eivada de interesses promíscuos – que ameaça a educação pública. Defendem o ensino militar e religioso, a “escola sem partido” como solução dos problemas educacionais. Mas, de fato, conjuram a educação à falta de criticidade, reflexão, criatividade, inventividade, liberdade. Então, perguntamos: o que pode a Educação? O que comporta a educação que a faz alvo direto de vigilância e controle?

Encontramos, no cinema produzido no exterior, muitos filmes e séries que nos mostram o que pode a educação. A série *Merlí* (Héctor Lozano, 2015-2018), por exemplo, traz o personagem de um professor de filosofia que faz uso de métodos pouco ortodoxos de ensino, cria situações em que seus alunos são levados a pensar livremente. O seriado catalão mostra o que é um ensino em sua etimologia, isto é, *insignare*, o brinde de um signo (KOHAN, 2005).

Merlí, ao ensinar, brinda signos com seus estudantes de maneira a criar com eles um coletivo no qual partilham medos, amores, sonhos, incertezas, além de saberes. E saberes no plural, forjados em itinerários incomuns. Saberes que são resultados de interrogações improváveis que os engancham na vida, que os confundem indissociavelmente com a vida, extrapolando a gramática dos livros.

O seriado evidencia o temerário e *contra-hegemônico* na Educação, o que assombra o capital neoliberal e seus oficiais subalternos, a saber, que na Educação se brindam signos, no encontro com os quais se abrem possibilidades de criação de maneiras irreduzíveis de ser e estar no mundo e a correlativa insubordinação contra o que oprime e apequena a vida (DELEUZE, 2010).



Podemos citar, também, o filme *Sociedade dos Poetas Mortos* (Peter Weir, 1989), destacando a cena em que o professor, Sr. Keating, pede a um aluno que leia um parágrafo do livro de literatura que estavam estudando. Ele começa a anotar palavras no quadro e todos os alunos, ávidos, começam a copiar. E ele afirma que tudo aquilo não deveria ser considerado; que arrancassem aquela folha, ou melhor, todo o capítulo e rasgassem. Em seguida, sobe nas carteiras e

pergunta: "Por que estou aqui?". Um dos alunos responde que é para se sentir mais alto. Ele nega e diz: "Estou aqui para me lembrar que devemos olhar constantemente as coisas de maneira diferente". Ele convida os alunos a subirem lá. "Ousem avançar e encontrar novos pontos de vistas".



Muitas situações acontecem e, por contrariar as normas conservadoras da instituição e por ser responsabilizado pelo suicídio de um dos estudantes, o professor é demitido. No momento em que vai até a sala pela última vez para pegar seus pertences, ao sair sem dizer uma palavra, o professor é surpreendido pelos estudantes que, um a um, vão subindo nas carteiras.



Deleuze (2006, p. 48) escreve: "nada aprendemos com aquele que nos diz: faça como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem 'faça comigo' e que, em vez de nos propor gestos a serem reproduzidos, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo".

As duas obras nos convidam a pensar o que pode a educação: a subversão contra os fluxos instituídos que apequenam a vida e a

resistência contra políticas autoritárias. Além disso, o momento nos reivindica uma educação na/com/para a vida, que resgate a alegria, o afeto, o riso, a inventividade, a potência da criação e, com tudo isso, a esperança.

É inevitável nos esperançar para que possamos esperançar nossos estudantes. É o que nos resta fazer. Inundemos a escola, os currículos, o trabalho docente com vida. Vida plena.

Referências:

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

KOHAN, W. O. **Infância**. Entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LAZZARATO, M. **Fascismo ou revolução?** O neoliberalismo em chave estratégica. São Paulo: n-1 Edições, 2019.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

PELBART, Peter Pál. **Ensaio do assombro**. São Paulo; n-1 Edições, 2019.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Sobre os autores:

Terezinha Maria Schuchter: Professora aposentada do Centro de Educação/UFES.

Email: terezschuchter@yahoo.com.br

Patrick Stefenoni Kuster: Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE/UFES

Email: pask1806@gmail.com